

A imprensa carioca nos anos 1930 e o Centro Dom VitalGuilherme Ramalho Arduini¹**Introdução**

Neste artigo, pretende-se analisar a opinião que quatro jornais de grande circulação no Rio de Janeiro dos anos 1930 divulgaram sobre o Centro Dom Vital, espaço de atração de parte considerável da elite carioca nesse período, bem como de seus membros. A pesquisa estendeu-se pelos anos 1940, sobre os quais se fará algum comentário à guisa de conclusão do artigo. A estratégia de investigação consiste em duas etapas: a primeira consiste em uma análise quantitativa, baseada no número de ocorrências que a pesquisa de certos termos fornece e quais as hipóteses para explica este número. Em seguida, haverá a análise qualitativa, isto é, um breve resumo das reportagens analisadas. Nesta última fase, foi acrescida uma revista organizada por um movimento estudantil ligado ao Centro, cujo nome era *Vida*, pois ela permitiu estabelecer um contraponto às discussões presentes em um dos jornais da grande imprensa.

Os personagens contemplados por esse estudo são alguns dos vitalistas mais importantes do período. O termo “vitalista” é uma criação nossa amparada no uso que os próprios personagens estudados faziam dele. Ele atende à necessidade de abarcar todos aqueles que se identificaram com os ideais propostos pelo Centro Dom Vital, através de suas reuniões, palestras e órgãos informativos, tal como noticiados por essa mesma imprensa. Portanto, um vitalista não é alguém que apenas frequentava as reuniões do Centro, pois não temos registros da lista completa dos frequentadores nem podemos saber o que cada uma dessas pessoas achava de tais reuniões. Para que alguém seja chamado de “vitalista” é necessário que tenha deixado seus registros de que apoiava o Centro através de um artigo na imprensa ou de um relato escrito por um terceiro e publicado em jornal. Outros entraram na categoria por serem citados constantemente como presidentes de suas comissões temáticas, professores de seus institutos de estudos ou organizadores de retiro. Também foram extremamente úteis as

¹ Doutorando em Sociologia pela USP. Mestre em História pela Unicamp. E-mail: guilherme.arduini@gmail.com.

duas obras de Riolando Azzi² sobre a história do Dom Vital. Na primeira, assina como autor e na segunda, como organizador do texto original de Amoroso Lima, publicado em colunas de jornal durante meados da década de 1950.

O conjunto de fontes está disponível em uma base de dados chamada “Hemeroteca Digital”³, que consiste na parte da coleção de periódicos da Biblioteca Nacional já digitalizada e disponível na rede mundial de computadores (internet). A ferramenta de reconhecimento de texto dentro das páginas do jornal⁴ possibilitou a busca através do nome de alguns vitalistas ou do próprio Centro cujos retornos de pesquisa pudessem ser significativos sob dois aspectos. Em primeiro lugar, houve um claro desnível na quantidade de ocorrências ao utilizar-se certos termos de pesquisa em relação a outros. Nesse quesito, escolheu-se aqueles que apresentassem um relativo alto número de ocorrências, pois isso seria um indício de que eles estavam mais em evidência na cena pública.

Tal indício seria confirmado pelo segundo aspecto, concernente à *qualidade* da informação sugerida nos artigos. Ela não estava necessariamente ligada à quantidade de retornos dentro de um mesmo periódico, pois certos resultados referiam-se a participações em cerimônias de casamento ou atuação como diretor de equipes de futebol⁵, coisas sem grande relevância para as finalidades da pesquisa. Outro fato a se considerar era que frequentemente a ocorrência era apenas uma publicidade de que tal nome participaria de uma reunião do Dom Vital em tal dia e horário. Esses casos foram importantes em seu conjunto, pois permitiram acompanhar certas características das reuniões, tais como sua frequência, temas discutidos e participantes. No entanto, as informações mais relevantes viriam dos artigos em que os autores teceram algum tipo de análise (positiva ou negativa) sobre o Centro, sobre o comportamento de seus sócios ou seus escritos.

Em outras palavras, este artigo utilizou como premissa a ideia de que, no caso da análise de grandes dados de informação, tanto a quantidade como a qualidade do retorno

² AZZI, Riolando. *Os pioneiros do Centro Dom Vital*. Rio de Janeiro: Educam, 2003.

LIMA, Alceu Amoroso. *Notas para a História do Centro Dom Vital*. (introd. e org por: Riolando Azzi). Rio de Janeiro: Educam/Paulinas, 2001.

³ Disponível em: <http://memoria.bn.br> (acesso em 30/03/2013).

⁴ Conhecida pelo seu nome em inglês, OCR (abreviatura de *Optical Character Recognition*).

⁵ Uma das filhas de Amoroso Lima se casou nos anos 1930 e Sobral Pinto era conselheiro do América Football Club, no Rio.

da pesquisa são importantes, mas sob óticas diversas. Exemplo disso é o jornal oficial da Aliança Nacional Libertadora, *A Manhã*⁶, no qual foram veiculados alguns artigos com citações aos vitalistas. Embora não sejam numericamente o conjunto mais importante, são muito elucidativos sobre os embates que envolveram católicos e aliancistas, fato que permaneceria ignorado em uma análise exclusivamente quantitativa. Os intelectuais defensores do ensino leigo, por exemplo, eram críticos contumazes da lei aprovada em 1931 permitindo o ensino religioso nas escolas públicas.

Outros enxergavam nos membros do Centro os epígonos do integralismo ou da associação entre os exploradores de mão-de-obra barata e os produtores de um conjunto de ideias extremamente conformistas. Era extremamente útil a tal associação o próprio Amoroso Lima, que durante a década de 1930 se encontrava à frente da fábrica familiar (a Cometa) enquanto se dedicava à pregação de uma nova ordem social, católica. Bastava sugerir o desrespeito aos direitos básicos dos funcionários da Cometa para pôr em cheque sua autoridade como doutrinador social.

A escolha por restringir a série documental à imprensa da capital federal se explica por diversos motivos, entre os quais sua diversidade de títulos e de visões políticas expostas. De modo desigual entre eles, os vitalistas eram constantemente citados pela grande imprensa e as atividades do Centro eram fartamente noticiadas nos cadernos voltados à vida cultural. O mesmo ocorre com os textos de crítica literária ou artística, nos quais é possível observar as estratégias de grupo estabelecidas, quando os autores se citam dentro do círculo ou quando Amoroso Lima escreve um balanço geral dos escritores/críticos literários do período, estabelecendo afinidades entre vários nomes e afirmando que estes constituem um grupo específico, de interesses em comum. Durante a Constituinte de 1933, a participação dos vitalistas ganha maior relevância e por isso vai parar na seção dedicada à política.

A escolha pela imprensa carioca também se justifica pelo fator geográfico: vivia nessa cidade o núcleo inicial que deu origem ao grupo, embora em meados da década já houvesse filiais do Centro D. Vital em várias outras cidades do país. Também era no Rio de Janeiro que se publicavam os dois periódicos diretamente ligados a ele: A

⁶ A Aliança Nacional Libertadora era basicamente composta por intelectuais de esquerda, tenentes aliados do poder após a revolução de 1930 e alguns membros do PCB. Teve curta duração, pois acabou sendo associada ao comunismo em uma estratégia para justificar sua repressão por Vargas.

Ordem, que já foi objeto de livro,⁷ e *Vida*, publicado pela Ação Universitária Católica e agora disponível para leitura através da Hemeroteca Digital. Diante de uma base tão promissora em recursos para pesquisa, o primeiro passo foi desenhar procedimentos de investigação que pudessem trazer resultados válidos afinal. Com essa finalidade, utilizou-se inicialmente uma pesquisa quantitativa a fim de mapear algumas informações básicas antes de mergulhar na leitura das fontes.

Análise quantitativa

A escolha de quais os nomes utilizados para a busca se baseou na lista dos nove pioneiros do Centro citados por Riolando Azzi⁸, com a exclusão de Jackson de Figueiredo. Ela se justifica por ter ele falecido em 1928; portanto, toda referência ao seu nome nos anos entre 1930 e 1949 seria uma homenagem póstuma, e não um indício das atividades do Centro naquele presente. A partir desses critérios, a busca gerou a seguinte tabela:

Termo de pesquisa	Período 1930-1939	Período 1940-1949
Alceu Amoroso Lima	1615	1650
Jônathas Serrano	586	186
Centro Dom Vital	511	560
Everardo Backheuser	280	163
Hamilton Nogueira	266	3186
Perillo Gomes	117	10
Heráclito Sobral Pinto	70	45
Wagner Dutra	26	3

Fonte: Hemeroteca Digital

A leitura das ocorrências permitiu corrigir a lista, inicialmente muito extensa. Jônathas Serrano, por exemplo, era mais citado por sua atuação como professor do Colégio Pedro II. No caso de Hamilton Nogueira, o aumento considerável no número de

⁷ Cândido Rodrigues, *A Ordem: revista de intelectuais católicos*. Belo Horizonte/São Paulo: Autêntica/FAPESP, 2006.

⁸ Mais exatamente: Jackson de Figueiredo, Hamilton Nogueira, Perillo Gomes, Jônatas Serrano, Tasso da Silveira, Heráclito Sobral Pinto, Alceu Amoroso Lima, Everardo Backheuser e Wagner Dutra.

ocorrências do período entre os anos 1930 e os 1940⁹ explica-se por sua bem-sucedida campanha para senador em 1946, para a qual, aliás, muito contribuiu Amoroso Lima. De fato, ele foi o convidado original da UDN para a candidatura, mas preferiu indicar Nogueira para o posto. Embora a justificativa da escolha de Amoroso Lima tenha sido o tempo de convivência que os dois tiveram no Centro, conforme ele próprio declararia posteriormente¹⁰, não seria apropriado associar a campanha ou o mandato de Hamilton Nogueira aos vitalistas.

Portanto, o número de ocorrências relativas a um nome era um indício de sua relevância na cena pública, mas ela não estava necessariamente ligada à sua atividade no Dom Vital. Esse parâmetro teve, contudo, outras funções: revelou uma assimetria entre os frequentadores do grupo, com destaque para Alceu Amoroso Lima. O número de ocorrências em seu nome, mesmo sem considerar a possibilidade de que ele fosse citado apenas pelo pseudônimo Tristão de Athayde¹¹, é quase o triplo de retornos do segundo e terceiro colocados, respectivamente “Jônathas Serrano” e o próprio nome do Centro, razoavelmente próximos um do outro.

Com efeito, as citações a Amoroso Lima são de três naturezas distintas. A primeira delas são as reuniões na Praça XV¹²; a segunda, as reuniões do Conselho Nacional de Educação e a terceira, a Academia Brasileira de Letras. Estas duas últimas atividades foram-lhe acrescidas a partir de 1935, quando as três passaram a aparecer em proporções razoavelmente idênticas entre si. Embora o acesso ao Conselho e à Academia tenham sido facilitados pelo. Apesar disso, também não seria prudente associar estas duas atividades do Dom Vital.

Feitas as ressalvas necessárias, permanece verdadeiro um dado importante, sugerido pelo total de ocorrências e confirmado por sua leitura. Só é possível falar em vitalistas e, por derivação, em vitalismo, na medida em que as reuniões do grupo estão registradas frequentemente por pelo menos três jornais importantes no período: o *Diário*

⁹ Termos utilizados em sentido aproximado, pois tecnicamente o ano 1930 deveria ser considerado ainda como anos 1920 e o ano de 1940, ainda como anos 1930.

¹⁰ LIMA, Alceu Amoroso. *Notas para a História do Centro Dom Vital*. (introd. e org por: Riolando Azzi). Rio de Janeiro: Educam/Paulinas, 2001.

¹¹ Esta foi a atitude tomada para evitar distorções em virtude da duplicação de resultados. No caso de se executar uma procura por “Alceu Amoroso Lima” e outra por “Tristão de Athayde”, para somar os resultados seria necessário listar os dois casos separadamente e em seguida excluir as vezes que os dois nomes aparecem juntos, fato aliás bastante frequente. O sistema de buscas da Hemeroteca digital, embora muito eficiente, não permite que se realize a busca combinando dois elementos distintos.

¹² Prédio onde ocorriam as reuniões do Centro, hoje pertencente à Universidade Candido Mendes.

Carioca, o *Diário de Notícias* e o *Correio da Manhã*. Este quadro seria mantido durante a década de 1940, com o acréscimo do *Jornal do Brasil*. Em geral estes registros não ocupam um espaço grande no jornal, mas revelam detalhes importantes como o nome do palestrante, o tema da palestra e alguma outra atividade realizada além da própria palestra.

Estes dados permitem verificar, por exemplo, uma presença de Amoroso Lima na esmagadora maioria das reuniões do Centro nos anos 1930, frequentemente como principal conferencista. Permite ver também sua progressiva especialização nos anos 1940 no papel de formador nos cursos da Ação Católica. No que diz respeito à temática das reuniões, elas se concentram em assuntos culturais e políticos muito relacionados ao presente do país durante a década de 1930 para desviar-se por assuntos de natureza mais filosófica e espiritual na década seguinte.

De posse desses dados, já é possível esboçar uma imagem do Centro. Outras características suas se tornarão mais visível no caso de uma análise mais pormenorizada das informações presentes na imprensa a seu respeito.

O Centro Dom Vital

No que concerne à distribuição geográfica do Centro, em 1934 ele possuía, além de sua sede no Rio de Janeiro, unidades em outras onze cidades. É notável sua dificuldade em penetrar no estado de São Paulo, o mais populoso da federação e de vida eclesial intensa, mas cujo único centro existente localizava-se na capital. O sul do país também se revelou um terreno infértil, pois só a cidade de Porto Alegre conhecia uma unidade¹³. Por outro lado, no Nordeste havia representantes em quatro capitais: Salvador, Recife, Aracaju e Fortaleza, mesmo número de cidades para o estado de Minas Gerais sozinho (a capital Belo Horizonte e as cidades interioranas de Juiz de Fora, Itajubá e Uberaba).

A distribuição geográfica reforça a hipótese de que os grupos sociais mais interessados em participar eram aqueles oriundos de regiões culturalmente periféricas ao

¹³ Seria necessário outro artigo para comprovar a hipótese seguinte, mas mesmo assim não deixo de enunciá-la: a fraca penetração do Centro nestes locais pode estar ligada à força das devoções ultramontanas – congregados marianos, filhas de Maria, etc. – para os quais poderia ser escandaloso ver o protagonismo assumido pelos leigos nas reuniões do Dom Vital.

eixo Rio-São Paulo, especialmente no interior de Minas e nos estados do Nordeste onde as lideranças políticas fossem tributárias do apoio direto ou indireto do Centro. Em Fortaleza, uma das frentes de atuação do Centro -- a LEC¹⁴ -- constituiu-se abertamente em partido político; em Salvador, o apoio do interventor Juracy Magalhães concretizou-se na realização de um Congresso Eucarístico em 1933, amplamente coberto pela imprensa carioca e pelo qual ele recebeu declarações públicas de gratidão e apoio de Dom Leme e Amoroso Lima¹⁵. Em São Paulo, Porto Alegre, Aracaju e no Recife, a LEC informalmente aliou-se a partidos ligados à oligarquia e contra as tendências tenentistas ou socialistas¹⁶.

Em 1934, no Rio de Janeiro, o Centro contava com 223 sócios, espalhados em diversas frentes de atuação, além da AUC referida acima. Havia a Confederação Nacional dos Operários Católicos, o Apostolado da Comunhão Frequente, a Confederação da Imprensa Católica, o Instituto Católico de Estudos Superiores e a Associação de Bibliotecas Católicas¹⁷. No ano seguinte, o Centro carioca havia dobrado seu número de sócios, mas apenas duas novas filiais tinham sido fundadas: Ouro Preto (MG) e Campos (RJ). Sobre os operários, Amoroso Lima cita as equipes sociais com doze núcleos, cinquenta estudantes e cerca de 300 operários filiados. No Instituto Católico de Estudos Superiores estavam matriculados duzentos alunos.

Estes são alguns dos aspectos objetivos que indicam como foi a atuação do Centro durante os anos 1930. Ainda é possível compreender mais a fundo como era seu dia-a-dia a partir do acompanhamento diário que a imprensa fornecia de tais atividades.

¹⁴ A Liga Eleitoral Católica, ou simplesmente LEC, surgiu da proibição de Dom Leme à criação de um partido católico, objetivo inicial dos vitalistas. Ela deveria ter se tornado um grupo pluripartidário de políticos que defendessem uma lista mínima de reivindicações católicas, como a invocação de Deus na constituição, a validação civil do casamento religioso ou a manutenção do ensino religioso nas escolas públicas. Entretanto, em algumas localidades ela se desvirtuou deste objetivo e terminou se aproximando do formato do partido político. Conferir a esse respeito os verbetes “Liga Eleitoral Católica” e “Liga Eleitoral Católica do Ceará” do *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio Janeiro: CPDOC/FGV, 2003, pp. 3119-3120.

¹⁵ Tristão de Athayde, “O Grande Congresso Eucarístico da Bahia”. *Correio da Manhã*, 17/09/1933, p. 2. “O Congresso Eucarístico Nacional”. *Diário Carioca*, 07/09/1933, p. 6.

“O Congresso Eucarístico Nacional – Entrevista de Dom Leme”. *Diário Carioca*, 09/09/1933, p. 6.

¹⁶ Para o caso cearense e sergipano, também vale a pena conhecer a atuação de Sobral Pinto, especialmente junto a dois deputados federais: José Barreto Filho e Armando Fontes. Conferir: DULLES, John W. F. “Parte II: Crítica à confusão do período após 1930 (1931-1935)” *Sobral Pinto: A consciência do Brasil: a cruzada contra o regime Vargas (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

¹⁷ “O Centro D. Vital promove grande campanha de extensão para aumento do seu quadro social”. *Diário de Notícias*, 15/07/1934, p. 7 da 1ª seção.

Antes, porém, de proceder à análise pormenorizada destes jornais, é mister traçar o perfil político dos cinco periódicos analisados: *A Manhã*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Vida*. Este breve histórico destina-se a permitir enxergar como estes jornais se posicionavam frente ao redesenho das instituições burocráticas federais e de toda a vida política do país, para as quais também formularam propostas os vitalistas, através de movimentos suprapartidários como a LEC e as suas reivindicações para a nova Constituição. O sucesso da campanha rendeu a Alceu Amoroso Lima e Sobral Pinto um convite de Getúlio Vargas para fazerem parte de uma comissão de redação do pré-projeto constitucional a ser discutido pela Assembleia eleita em 1933, fato que mereceu a atenção de *A Manhã*¹⁸, que considerou o gesto uma demonstração de clericalismo. Em tom ironicamente jocoso, o artigo de Alvaro Moreyra afirma que Amoroso Lima tentou transformação a comissão de redação em mais uma reunião do seu Centro. O texto também evidencia que não eram os vitalistas os únicos a tentar misturar catolicismo com política, pois criticam também a participação da Liga no governo do Ceará, a atividade política de Dom Becker em Porto Alegre e a do cônego Olympio de Mello, na capital federal. O tom combativo do artigo é fruto de uma linha editorial bem definida pelo jornal, o que demonstra a necessidade de compreendê-la melhor para ler sob outro prisma os artigos¹⁹.

Perfil da imprensa carioca

A Manhã foi lançada em 26 de abril de 1935 por Pedro Mota Lima e empastelada sete meses depois, na onda repressora do governo federal em resposta ao movimento militar de outubro de 1935. O jornal pagou um alto preço por sua ligação intrínseca com a Aliança Libertadora Nacional, mas abrigou em sua curta vida contribuições de gente de peso na vida cultural brasileira, tais como Di Cavalcanti, Hermes Lima, Jorge Amado, Maurício de Lacerda, Anísio Teixeira, Rubem Braga ou Josué de Castro, todos simpáticos à causa da Aliança. Sua característica mais marcante era subverter a hierarquia das notícias do período, divulgando a atuação da própria ANL e a vida sindical do país de forma muito mais intensa. Inovou também em sua cobertura

¹⁸ Alvaro Moreyra, “A coluna rachada”, *A Manhã*, 21/08/1935.

¹⁹ O item abaixo foi redigido com base nas informações fornecidas pelo *Dicionário Histórico Biográfico* da Fundação Getúlio Vargas.

esportiva, mais importante e detalhada do que nos outros órgãos da imprensa. Tal fato permitiu ao jornal conquistar uma grande popularidade, chegando a ser um dos mais vendidos diariamente.

O *Diário Carioca* foi criado por José Eduardo Macedo Soares em 1928 e assumiu desde seu início a oposição ao governo de Washington Luís. Em virtude de tal postura, apoiou a tomada do poder pela Aliança Liberal em outubro de 1930, mas já em dezembro do mesmo ano declarou-se desiludido dos rumos tomados. Leônidas Resende, desafeto dos católicos na Faculdade de Direito, foi seu chefe de redação. O envolvimento de Macedo Soares com a pressão pela convocação de uma Constituinte resultou no empastelamento de seu jornal no dia seguinte à promulgação da lei que criava a Justiça Eleitoral (24 de fevereiro de 1932), primeiro passo para a volta do país ao regime legal. Mantendo sua linha editorial, o *Diário* mostrou-se favorável ao levante paulista de julho de 1932. Porém, após a volta ao regime constitucionalista, converteu-se progressivamente em um órgão favorável a Vargas, a ponto de aceitar, não sem uma reserva inicial, o Estado Novo.

O *Diário de Notícias* surgiu em 1930 pelas mãos de Orlando Ribeiro Dantas, Nóbrega da Cunha e Figueiredo Pimentel, jornalistas egressos de *O Jornal*. Imerso na crise que se seguiu à eleição de Júlio Prestes, tomou uma postura de apoio à Aliança Liberal e aos tenentistas que dela tomaram parte. Quando Vargas tornou-se a figura central do movimento, o periódico passou a se manifestar em oposição ao Governo Provisório e pela volta do regime constitucional. A Revolução de 1932 recebeu amplo apoio e a nova Constituição foi saudada como uma vitória. Após decidir-se pelo apoio a Borges de Medeiros na eleição presidencial ainda em 1934, o jornal saiu derrotado. Também foi contra a polarização entre AIB e ANL na cena política nacional, na contramão do cenário político do momento, estimulante da exacerbação do conflito. Na campanha prévia à eleição de 1938 (a qual não aconteceu), o jornal posicionou-se em favor de Armando Sales de Oliveira e contra o candidato da situação, José Américo de Almeida.

O *Correio da Manhã* possui uma longuíssima história, tendo sido fundado em 1901 por Eduardo Bittencourt em consequência da derrota dos federalistas na revolução deflagrada no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1894. Marcado por princípios liberais, o jornal fez oposição a todos os regimes da Primeira República e apoiou duas campanhas

opositoras da partilha estabelecida do poder no período: Rui Barbosa, em 1911, e Getúlio Vargas, em 1930. Tinha no senador alagoano Pedro da Costa Rego seu redator chefe. Apesar de saudar o triunfo da Aliança Liberal nos primeiros dias de sua vitória, já em 1932 encontrava-se em oposição a Vargas. Nesta posição ia se manter durante toda a década de 1930, chegando a denunciar a iminência de um golpe alguns dias antes do Estado Novo. Destaca-se a cobertura detalhada do jornal à Constituinte de 1933.

A única deste grupo a não se publicar diariamente nem contar com um grande público, *Vida* foi criada em 1934 e era o órgão oficial da Ação Universitária Católica, resultado de um esforço de Alceu Amoroso Lima e outros membros do Centro Dom Vital para criar um grupo de universitários em afinidade com suas propostas. Seu acréscimo traz um toque particular à análise dos periódicos, pois nele é possível enxergar o efeito do Centro sobre os jovens em formação intelectual e profissional, ávidos por definir uma posição nas lutas políticas e ideológicas que marcam os anos 1930.

Os universitários se encontravam nas comissões da Ação Universitária Católica (AUC), formada a partir de grupos de interesse. Cada grupo estava sob a coordenação de um vitalista. Em 1933²⁰, por exemplo, algumas das lideranças e dos grupos de interesse são os seguintes: Sobral Pinto para a Comissão de Ciências Sociais; Amoroso Lima, para a “Ação Social”; Hamilton Nogueira para “Operários e Estudantes” e Claudio Ganns para “Redação e Propaganda”, basicamente resumida à revista em questão. Sua redação contava com uma equipe enxuta e bastante produtiva em número de artigos, dentre os quais alguns nomes viriam adquirir certa notoriedade nas décadas seguintes.

Dois exemplos são Nelson de Almeida Prado e José Carlos Gouvêa Isnard, que ingressaram tornaram-se monges beneditinos logo depois de frequentar as páginas da revista. O primeiro deles assumiu o nome de Dom Lourenço e foi reitor do Colégio São Bento no Rio de Janeiro, onde ficou conhecido pelo rigor da disciplina e a defesa do método tradicional do colégio. Gouvêa Isnard se tornou Dom Clemente e sagrou-se bispo de Nova Friburgo em 1960, permanecendo nesta condição por vinte e quatro anos.

²⁰ “Academias e escolas – Ação Universitária Católica”. *Correio da Manhã*, 02/06/1933, p. 8.

Especialista em liturgia, foi membro de um Conselho da Santa Sé sobre o tema entre 1964 e 1969, tomando parte nas discussões finais do Concílio Vaticano II.

Entre os cinco periódicos analisados, é possível encontrar algumas características comuns: quatro deles possuíam menos de dez anos no período em análise e demonstravam, pela quantidade de páginas, anunciantes e temas cobertos, uma estrutura econômica considerável. Dos três que se envolviam diretamente em política naquele momento, dois apoiaram a mudança de regime em 1930 e a volta à Constitucionalidade em 1932. Os jornais tinham dupla função, pois a divulgação de uma mensagem política tinha peso semelhante aos lucros retirados das atividades econômicas advindas do jornalismo.

Além destes dados em comum, o *Diário Carioca*, o *Diário de Notícias* e o *Correio da Manhã* formam um grupo com características mais semelhantes ainda. Estes jornais participaram intensamente dos debates políticos da época, sem, contudo, expor uma opinião tão radical quanto a de *A Manhã*. Além dos diversos motivos apresentados, este título constitui um caso à parte por ser o único que apresenta uma defesa de certo tipo de literatura em associação com a política, opinião exposta pela contribuição de boa parte dos comunistas brasileiros daquele momento: Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Rubem Braga e Jorge Amado, por exemplo. *Vida* também possui suas especificidades, pois seu caráter de órgão oficial da Ação Universitária Católica impede sua participação nas questões partidárias do momento e determina de antemão os temas e argumentos difundidos. Estes dados ajudam a desenhar a moldura do quadro de análise que começará a ser desenvolvido logo abaixo, onde se tratará mais detalhadamente da cobertura de cada um dos jornais, separadamente, a começar por *A Manhã*.

A Manhã

Em longas exéquias a existência do Sr. Tristão de Athayde é uma simples missa de corpo presente no recinto desse variado e imenso Moinho do Jeca que é a Santa Madre Igreja. Em torno do blindado corifeu do neothomismo, soluçam as vacas capadas da alta, os jacarés falantes do integralismo, os jumentos de quatrocentos anos e mais a cabralhada vadia que entre tochas enfeita o lusco-fusco da nossa tragédia colonial.²¹

²¹ Oswald de Andrade "Literatura só para homens". EM: *A Manhã*, 19/05/1935, p. 6.

A passagem acima pertence a um artigo de Oswald de Andrade a respeito da figura de Tristão de Athayde e mostra em cores fortes o tipo de visão a respeito dos vitalistas que o jornal *A Manhã* abrigava em suas colunas. Em linguagem altamente irônica e agressiva, Oswald de Andrade consegue unir as preferências filosóficas de seu desafeto (o neotomismo) com o público ao qual se destinavam suas preleções: os integralistas, uma aristocracia surda aos apelos do modernismo artístico, do tenentismo e do comunismo (os jumentos de quatrocentos anos) e um grupo de pretendentes de qualidade abaixo da crítica, esperando alguma oportunidade de se firmar na cena pública (a “cabralhada vadia”).²² A “tragédia colonial” pode ser a influência que o catolicismo possuía na vida social brasileira. Oswald não dispensa o uso de termos chulos em seu texto.

As críticas presentes no jornal compõem uma linha editorial bem delineada: minar o poder que os vitalistas possuíam na cena cultural brasileira. Embora não fosse exclusivamente voltado a Amoroso Lima, talvez fosse este o nome mais visado. Uma das estratégias que rendeu mais frutos é a acusação de que os funcionários de sua empresa de fiações (*Cometa*) eram expostos a condições insalubres de trabalho, especialmente para as mulheres.²³ A acusação visava explicitamente desacreditar a defesa do sindicalismo cristão, com a qual Amoroso Lima está associado.

A questão dos pretendentes a algum destaque reaparece em outros artigos escritos sem a mesma verve do autor de *Serafim Ponte Grande*, mas que engrossaram o coro dos descontentes com os vitalistas. Exemplo disso é o artigo de Hermes Lima, candidato vencedor no concurso para a cátedra de Introdução ao Direito em que Tristão de Ataíde também havia se apresentado. Os dois candidatos representavam os dois pólos da disputa ideológica do período, pois Hermes Lima se aproximara da ANL e colaborava regularmente com seu jornal. Além disso, era dono de uma carreira bastante considerável na universidade, tendo ocupado o cargo de professor na Faculdade do Largo São Francisco, em São Paulo, antes do concurso carioca. Este era um contraponto

²² Oswald de Andrade não é o único a usar a figura de um quadrúpede para “dar um golpe baixo” na figura do vitalista que enxerga no Centro uma possibilidade de ascensão. Gondin da Fonseca publica “O novo Incitatus” no *Correio da Manhã* de 22/12/1935, p. 4, comparando Perillo Gomes ao cavalo feito senador por Calígula. Vai além ao dizer que Gomes utilizou-se da boa-fé de Jackson de Figueiredo para fingir-se de convertido e assim poder vir ao Rio de Janeiro em busca de um emprego.

²³ Eduardo Sucupira Filho, “Com que roupa?!”, *A Manhã*, 05/06/1935, p.3.
Alvaro Moreyra, “Olha a frente!”, *A Manhã*, 11/06/1935, p. 3.

importante a um *outsider* como Tristão de Athayde, sem experiência docente em nível universitário naquele momento. Para Hermes Lima, seu nome era objeto de uma perseguição intensa por parte de alunos e colaboradores da imprensa católicos, insatisfeitos com a condição de relegados da Universidade do Distrito Federal:

Os porta-vozes do clericalismo nas assembléias políticas, nos jornais acabam, ainda agora, de abrir campanha contra a nomeação de certos professores para a Universidade do Distrito Federal sob a alegação de que tais professores são comunistas e professam ideias extremistas. É o recurso, velho recurso, aliás, de que a Igreja lança mão para combater as conquistas da cultura humana, para impor seus dogmas, para eliminar o livre exame de instituições e princípios, oferecendo ao Estado a realização de uma aliança para a defesa intransigente, com mão de ferro dos interesses dominantes que temem a liberdade do pensamento.²⁴

É interessante contrapor esse ponto de vista ao de *Vida*, revista da Ação Universitária Católica, constante em suas críticas sobre a falta de liberdade a que os professores marxistas condenavam seus alunos, transformando suas aulas em propaganda ideológica. Por essa mesma revista, somos informados de que Amoroso Lima requisitou à Universidade do Distrito Federal, com base em um decreto do ministro Gustavo Capanema, o direito de lecionar como livre-docente da cátedra ocupada por Hermes Lima uma vez que fora pelo menos classificado no concurso. Mas a requisição encontrava dificuldades de passar pela burocracia da universidade.

Essa informação abre espaço para tecer considerações sobre outros nomes atacados por *A Manhã*, a começar pelo próprio Capanema. Em artigo que chama o plano nacional de educação de “fascista-clerical”,²⁵ o jornal faz uma crítica bastante irônica ao discurso do ministro no fechamento do congresso da Associação Brasileira de Educação. Capanema é enquadrado como uma nulidade intelectual sempre disposto a agradar os representantes do Centro D. Vital, mesmo que isso signifique propor uma educação que sirva apenas para manter os pobres em sua condição inferior.

Outros alvos de crítica seriam, Jorge de Lima e Murilo Mendes, pertencentes ao grupo de poetas espiritualistas cultuados pelas páginas de *A Ordem* e de *Vida*, nas quais estariam presentes alguns de seus poemas. Os dois poetas publicam juntos *Tempo e*

²⁴ Hermes Lima, “A ofensiva clerical”. EM: *A Manhã*, 31/05/1935.

²⁵ “As bases fascistas-clericais do plano nacional de educação”. EM: *A Manhã*, 25/06/1935, pp.1 e 7.

eternidade, livro de fundo místico que lhes valeu a indicação como segundo lugar no concurso promovido pela Sociedade Felipe d'Oliveira.²⁶ Menção bem menos honrosa foi conferida a eles por Rubem Braga, outro colaborador de *A Manhã*. Seu artigo²⁷ representa em estado bruto a disputa pela definição do que deve ser considerado como boa literatura.

Para Rubem Braga, o livro é uma “idiotice” escrita por dois poetas que preferem ficar “por cima de uma torre de concreto contemplando o céu ao invés de ver a luta na terra”. Define ainda a boa cultura como uma ferramenta de conscientização dos trabalhadores, ao contrário do que fazem os dois autores, cuja obsessão pelo tema da transcendência conjuga-se ao uso de temas sutilmente eróticos. A conclusão de Braga é uma lembrança aos dois autores de que se esquecem das mulheres operárias, cujos corpos tornam-se feios depois de tanta exploração social para produzir a mais valia que permite ao capitalista manter a beleza indefectível de sua mulher, retratada e elogiada pelos poemas do livro. Ainda segundo Braga, o tipo de literatura produzido por Murilo Mendes e Jorge de Lima serviria para manter os padrões de família geradores de prostitutas, masturbadores e adúlteros.

Em resumo, a postura de *A Manhã* não admite nenhuma condescendência com os vitalistas, considerados conservadores e despregados da realidade social do país. Apesar de menos combativos, os demais diários aqui retratados abriram suas páginas a elementos contrários ao grupo, ao mesmo tempo em que abrigaram notícias e opiniões favoráveis, denotando um caráter de ambiguidade, a ser dissecado e explicado nas páginas seguintes.

Diário Carioca

O *Diário Carioca* muda sua cobertura do Centro à medida em que se altera seu posicionamento mais geral na política do período. O início da década é marcado pela crítica do ponto de vista liberal – perceptível no momento da aprovação da lei do ensino

²⁶ A Sociedade Felipe d'Oliveira foi criada por João Daudt d'Oliveira, que também auxiliou materialmente na fundação da PUC-RJ, a pedido de Leonel Franca. Amoroso Lima viria a fazer parte dessa sociedade em 1935, após a morte inesperada de Ronald de Carvalho.

²⁷ Rubem Braga, “Tempo e eternidade”, *A Manhã*, 30/07/1935.

religioso, em 1931,²⁸ quando o jornal reproduz opiniões dos próprios católicos contrários à medida. Para este jornal, o ensino religioso traria a confusão na organização do ensino, pois seria impossível administrar o direito de todas as religiões a se fazerem representar no currículo escolar. Nesse quadro, era previsível que o catolicismo seria favorecido como a única a ter sua doutrina ensinada em escolas laicas, borrando a saudável (na opinião do jornal) fronteira entre a Igreja e o Estado. Acrescente-se a isso que o clero não deveria solicitar o auxílio do poder secular a uma função que deveria ser exclusivamente sua.

Apesar desse momento inicial, o jornal vai se tornando favorável, inicialmente através de pequenas notas sobre o Centro Dom Vital e suas atividades. Existe um momento de transição entre as duas atitudes, perceptível na cobertura do Congresso Eucarístico em Salvador, ocorrido no último trimestre do ano de 1933. (A data escolhida não foi fortuita: ela coincidiu com o início dos trabalhos da Constituinte de 1933, em um movimento estratégico encabeçado por Dom Leme para demonstrar força política.) O jornal cede amplo espaço para a notícia do Congresso, mas mostra-se bastante ácido na ironia a respeito do *lobby* católico na Constituinte, ao comentar o trabalho de bastidores dos vitalistas em favor de Plínio Correio de Oliveira em suas diatribes contra o pastor Guaracy Silveira²⁹, conforme demonstra a passagem abaixo:

O sr. Plinio Corrêa de Oliveira recebeu, ontem, uma comissão de católicos que foram, em nome das autoridades competentes, levar a s. ex. o seu diploma de Menino do Côro, cargo a que s. ex. foi promovido por atos de bravura, no combate travado com o reverendo Guaracy. Compunham o grupo os srs. Tristão de Athayde, aplaudido e indigesto filósofo da Idade Média; o famigerado Schmidt, editor e padrao do Pássaro Cego e mais dois ou três cavalheiros de aspecto messiânico.³⁰

²⁸ “O ensino religioso nas escolas”. *Diário Carioca*, 06/05/1931, p. 10. Ainda surfando na onda deste anticlericalismo Mario Pinto Serva escreve “O Salvador Místico” (*Diário Carioca*, 29/05/1931, p. 2) no qual afirma que os países católicos são aqueles nos quais as ditaduras vicejam com maior facilidade e as populações são as mais analfabetas.

²⁹ Em meu mestrado procuro demonstrar como Guaracy Silveira foi um dos nomes mais combativos em favor do Estado leigo durante a 1933, postura bastante distinta da que adotaria na Constituinte seguinte, em 1947. Conferir: ARDUINI, Guilherme Ramalho. “Capítulo III: Os Projetos De Organização Social e Operária”. **Em Busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e os Projetos Católicos de Organização Social (1928-1945)**. [Dissertação de Mestrado] Campinas: Unicamp, 2009, pp. 89-110.

³⁰ “O Congresso Eucarístico Nacional”. *Diário Carioca*, 07/09/1933, p. 2.

“O Congresso Eucarístico Nacional”. *Diário Carioca*, 09/09/1933, p. 6.

“Nos bastidores da Assembleia”. *Diário Carioca*, 15/12/1933, p. 3.

Após a promulgação da nova Lei Magna, os vitalistas parecem cair em esquecimento até a onda anticomunista desencadeada após a sublevação dos comandados de Luís Carlos Prestes em 1935. Depois dessa data, o número de citações a vitalistas aumenta consideravelmente, perfazendo um total de quinze aparições nos quatorze meses seguintes ao movimento armado. Apenas a título de comparação, foram cinco aparições dos vitalistas no *Diário Carioca* em 1931, três em 1932, oito em 1933, duas em 1934, onze em 1935, treze em 1936, duas em 1937, quando cessam as notícias mensais sobre as atividades promovidas pelo Centro Dom Vital. Tão importante quanto os números são as ocasiões em que os vitalistas são citados. Vemo-los em um ciclo de palestras do Ministério da Educação; na fundação de uma nova editora (ABC) ou participando da Sociedade Felipe d'Oliveira. O jornal qualifica a Sociedade um espaço alternativo para a ABL, que estaria viciada pelos figurões da política, desejosos de transformá-la em uma vitrine para suas veleidades artísticas³¹. Em todos esses artigos, os vitalistas são objeto de uma visão positiva. Movimento semelhante ao *Diário Carioca* acontecerá com o *Diário de Notícias*, jornal que também inicia a década com uma apreciação bastante negativa dos vitalistas, mas mudaria de opinião ao longo da década.

Diário de Notícias

No início de 1931, o tema que atraía citações aos vitalistas era a discussão sobre a aprovação do ensino religioso nas escolas laicas, atitude do ministro Francisco Campos bastante criticada pelo *Diário de Notícias*³². O ministro é descrito como um político incoerente, que ora defende uma concepção liberal de educação e outras vezes, uma visão católica. Através dele, mira-se na figura de Tristão de Athayde, considerado bastante próximo do ministro. Um ano depois, o tema do ensino também movimenta os

³¹ “As grandes diretrizes da educação”. *Diário Carioca*, 26/03/1936.

“Para difundir os princípios católicos – Sob a direção intelectual de Tristão de Athayde”. *Diário Carioca*, 30/08/1936, p. 8.

Edison Lins, “A Academia de Letras e a Sociedade Felipe d'Oliveira”. *Diário Carioca*, 18/04/1937, p. 19.

³² Garcia de Rezende, “Entre Deus e o Diabo”, *Diário de Notícias*, 21/04/1931, p. 3.

Frota Pessôa, “A apostasia de um leader”, *Diário de Notícias*, 29/05/1931, p. 7.

_____. “A reforma da instrução e o ensino religioso”. *Diário de Notícias*, 08/05/1931, p. 7.

Claudio Juliano, “Religião por decreto”, *Diário de Notícias*, 04/06/1931, p. 6.

redatores de artigos de opinião, entre eles Carlos Lacerda (na época bastante ligado a grupos de esquerda) e um pseudônimo auto-intitulado “João Pátria”, a favor dos católicos.

Lacerda insiste na denúncia da omissão de gente como Fernando Magalhães, que deveria zelar pela imagem do ensino público, mas prefere participar das cerimônias promovidas pelo Centro D. Vital, nas quais este ensino é menosprezado. Declara, ainda, em uma de suas respostas, saber que por detrás do pseudônimo de João Pátria esconde-se um diretor de um estabelecimento privado, com interesses pessoais pelo mal funcionamento de seus “concorrentes” públicos³³. Rebate o uso constante que João Pátria faz das ideias de Tristão de Athayde, definido como “um antigo confusionista que não conhece o comunismo e tem por hábito citar, de quando em quando, alguns autores clandestinos para combater ou defender certas doutrinas extremadas”.

Em meio ao fogo cruzado, Alceu é convidado a participar do dossiê do jornal em resposta à questão “haverá uma crise de espírito no mundo moderno?”. Sua resposta caminha no sentido de saber qual será essa crise, suas causas e sintomas. Para Alceu, a resposta a tudo passa pela quebra de hierarquia entre o que é mais importante e o que é secundário na vida social. Em sua opinião, seria uma invenção absurda considerar que a religião devesse ficar abaixo da ciência, ou a moral abaixo da instrução no currículo escolar.

Também alheio a este debate, Augusto Frederico Schmidt inicia em julho de 1932 sua coluna de crítica literária, sem grande brilho. Em sua crônica inicial, afirma que depois de Tristão de Athayde abandonar a prática de comentar obras de literatura, não houve até aquele momento nenhum nome de consenso. Elogia Pedro Dantas, mas lamenta sua decisão de escrever apenas esporadicamente, sem regularidade. Em resumo, o que Schmidt faz é tentar agradar a todos, ao custo de não estabelecer nenhum programa sério de crítica literária. Sua contribuição ao *Diário de Notícias* interrompe-se poucos números depois.

³³ João Pátria, “Ensaia-se o comunismo no ensino”, *Diário de Notícias*, 19/04/1932, p. 4.

Carlos Lacerda, “Muito grave e muito comprometedor”, *Diário de Notícias*, 25/05/1932.

_____. “Frases e frases do Sr. Reitor”, *Diário de Notícias*, 27/05/1932, p. 6.

João Pátria, “Prossegue impávida a orientação bolchevista do ensino municipal”, *Diário de Notícias*, 28/06/1932, p. 4.

Carlos Lacerda, “Contra a má fé dos interessados”, *Diário de Notícias*, 29/06/1932, p. 6.

Outro contribuinte do *Diário* é Oswald de Andrade. Sua participação no jornal visa o ataque a Alceu, desferido em tom semelhante ao de *A Manhã*: através de alegorias tais como “o grande Industrial, das asas gandhistas com que queria amortilhar a humanidade falecida de fome”³⁴ ou afirmando que ele é como “um quarto abafado que provoca mal estar nos próprios católicos, pois não se envergonha de falar em anjos num tratado de sociologia que pretende ser sério”.³⁵ As comparações reforçam a ideia de um intelectual de tripla personalidade, todas tidas como conflituosas entre si: o industrial que possui um exército de operários sob seu comando, o crítico literário/sociólogo cujas ideias são científicas e antenadas com os problemas sociais e, por fim, o apologeta da fé. Para Oswald de Andrade, o resultado disso é um sociólogo que não se pode levar a sério e um doutrinador social que defende os interesses de seu lado industrial, confirmando seu julgamento sobre a Igreja.

Apesar da veemência no discurso de Oswald, suas críticas não receberam eco. O nome de Tristão é citado por outros artigos, como o de Silva Bruno³⁶, que enxerga no sociólogo católico o produtor da forma mais avançada de sociologia daquele momento. Rodrigo Melo Franco de Andrade³⁷ também emplaca um artigo altamente simpático a seu amigo, acrescentando acenos a outras gerações mais novas de escritores, como Octavio de Faria, Mucio Leão, Agrippino Grieco e Lúcia Miguel Pereira. No ano seguinte, Amoroso Lima é eleito para a ABL e o jornal registra o fato em comentário altamente positivo sobre o evento, chegando a afirmar que esse fato redime a Academia de erros anteriores. Nos anos posteriores, um comentário otimista reaparece quando este autor publica novas obras como *Idade, Sexo e Tempo*. O livro é descrito como uma brilhante defesa de Alceu do direito de manter sua personalidade e mudar de ideia quando julgasse tal necessário. Embora o livro não tivesse caráter declaradamente

³⁴ Diário de Notícias, 08/06/1933.

³⁵ Diário de Notícias, 28/05/1933.

³⁶ Silva Bruno, “A sociologia confederacionista”. *Diário de Notícias*, 03/02/1934, p. 2. É provável, embora não seja possível assegurar, que o autor seja Ernani Silva Bruno, nascido em Curitiba em 1912 e formado em Direito na Faculdade de São Paulo. Ele trabalhou na imprensa e chegou a coordenar o suplemento literário de *A Noite*. Sua obra mais conhecida é *História e Tradições da Cidade de São Paulo* (1953), em três volumes.

³⁷ Nascido em Belo Horizonte, em 1898, seu tio foi o objeto do primeiro livro de Alceu Amoroso Lima,

autobiográfico, Alceu expressa nele as experiências de toda a sua geração, mas com um toque pessoal quanto ao caminho planejado para seu futuro³⁸.

Em suma, ambos os *Diários* transitam entre um início de década marcadamente desfavorável aos vitalistas e um final de década favorável à participação destes nomes. Para o *Correio da Manhã*, não se registram alterações importantes ao longo deste período, pois a convivência entre as análises em tom positivo e negativo se manteve durante todo o período.

Correio da Manhã

Neste jornal, são comuns pequenos anúncios com as próximas atividades do Centro; a eleição de Amoroso Lima para a ABL também é saudada como positiva. Por outro lado, encontram-se neste jornal artigos de opinião bastante desfavoráveis, escritores por dois autores de perfil semelhante. Um deles é Heitor Lima³⁹, um mineiro advogado e delegado de polícia, exercendo a crítica literária e de teatro como hobby. Sua relação com os vitalistas é sempre de oposição e se espalha por diversos temas: do apoio ao divórcio, Heitor Lima passa a estabelecer um questionamento irônico sobre a qualidade da produção intelectual de alguém que, como Amoroso Lima, parece mais preocupado com a qualidade das meias que produz, em nova referência à sua empresa familiar. Essa atuação é complementada pela de Cândido Jucá Filho⁴⁰, atento à crítica ao estilo de Tristão, considerado por ele como muito confuso e dotado de metáforas esdrúxulas. Um exemplo disso é o livro chamado *Esboço de uma introdução à*

³⁸ A resenha citada é de Rosario Fusco, “Depoimento de uma geração”, *Diário de Notícias*, 19/06/1938, p. 2. Rosário Fusco nasceu em 1912 no interior de Minas Gerais, exercendo uma discreta carreira literária na revista *Verde*, com dois livros de poemas durante a década de 1920 e dois romances na década de 1940. Seu nome é citado no terceiro volume da coleção de críticas literárias escritas por Amoroso Lima e intituladas *Estudos*.

Outros artigos citados:

“Tristão de Athayde – O novo membro da Academia de Letras”, *Diário de Notícias*, 01/09/1935, p.5

Newton Sampaio, “Mestre Eloy”, *Diário de Notícias*, 12/09/1937, p. 3.

Álvaro Lins, “Defesa do crítico católico”, *Diário de Notícias*, 11/02/1940, p. 8.

³⁹ Heitor Lima, *Correio da Manhã*, 10/10/1929.

Heitor Lima, *Correio da Manhã*, 29/11/1931.

Heitor Lima, “Pela Verdade”, *Correio da Manhã*, 18/10/1933.

Heitor Lima, *Correio da Manhã*, 02/05/1934

Heitor Lima, “Um grande cidadão”, *Correio da Manhã*, 07/11/1934.

⁴⁰ Nasceu no RJ a 2 de setembro de 1900. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do RJ mas enveredou pelos estudos de literatura e filologia. Fundou e presidiu a Sociedade Brasileira de Filologia.

economia moderna, que para Jucá Filho conduz a uma visão equivocada da Idade Média⁴¹. Dentro desse período, ele enfatiza a quantidade de fomes, guerras e perseguições provocadas pelo zelo religioso e outras catástrofes evitáveis para os homens racionais.

Em vibrante contraste com os títulos vistos até aqui, *A Vida* oferece um ponto de vista altamente positivo a respeito do Centro.

A Vida

No início desse artigo viu-se a crítica exposta em *A Manhã* sobre a perseguição dos católicos aos professores marxistas. Na revista dos universitários católicos é possível ver a opinião dos alunos católicos da faculdade de Direito, que transformam em tema principal da revista a extinção das aulas sobre as teorias sociais consideradas por eles como maléficas para a sociedade. Para José Pedro Galvão Souza⁴², o problema ainda não é o marxismo, mas o liberalismo dos professores. Já na edição seguinte (maio de 1934), aparecem dois textos de crítica ao suposto comunismo dos professores. No primeiro deles, Leonidas Resende é textualmente citado, enquanto o segundo trata da universidade de uma forma geral, pois propõe que qualquer defesa do marxismo em sala de aula deveria ser tratada como um crime de segurança nacional⁴³.

Outro eixo estruturante da revista é o relato das atividades da Ação Universitária Católica, entre as quais destacam-se o núcleo de liturgia e as equipes sociais. Do núcleo faziam parte monges beneditinos e jovens universitários, que relatam em seus textos a surpresa de poderem atuar lado a lado com os religiosos nas cerimônias dedicadas ao grupo. As equipes sociais consistiam em reuniões semanais entre um universitário e uma equipe de operários. Os auctistas⁴⁴ repetem constantemente em seus escritos o papel que eles podem ter na instrução dos trabalhadores manuais e a preocupação de que uns e outros invistam em sua formação cultural a fim de se preparar melhor para o combate contra aqueles que não têm fé. (Vale lembrar que, juntos, universitários e operários

⁴¹ Candido Jucá Filho, “Um livro grande de sociologia”, *Correio da Manhã*, 17/08/1930.

⁴² “Tendências políticas da mocidade católica” *Vida* (1), abril de 1934.

⁴³ Respectivamente: “Atividades universitárias”, *Vida* (2), maio de 1934.

Francisco Augusto de la Rocque, “O comunismo universitário e a liberdade de cátedra”, *Vida* (2), maio de 1934.

⁴⁴ Termo que os próprios membros da Ação Universitária Católica utilizam para se tratar como grupo.

também eram os públicos-alvo dos comunistas.) O tom de enfrentamento se mantinha nos artigos destinados a criticar todo aspecto de modernidade em contradição aos ensinamentos católicos, como o divórcio ou a educação sexual na escola.

Visto que a equipe de colaboradores de *Vida* era enxuta, cabe perguntar-se sobre a extensão de seu público leitor. Levando-se em conta sua temática, seria mais lógico imaginar um público bastante restrito e extremamente coeso na defesa de teses sociais que poderiam ser classificadas como conservadoras. A escassez de membros, no entanto, não deve ser enxergada como uma diminuição de sua importância. Vários auctistas se tornaram religiosos com funções importantes na província eclesiástica de sua Ordem ou no episcopado nacional. O fato de viverem na capital federal ou a origem social abastada não consegue explicar os passos seguintes de suas trajetórias sociais. É necessário levar em conta o efeito que o grupo dos vitalistas teve sobre sua formação e as experiências apresentadas pelo Centro – os retiros em comum, as missas com as inovações litúrgicas, as equipes sociais.

Com a apresentação do grupo dos auctistas, completa-se o elenco dos atores sociais relevantes para a compreensão de como o Centro era visto por diversos outros atores relacionados a ele, ainda que essa relação fosse marcada pelo desacordo e pela disputa. Sua força ficou registrada de forma clara, porém indireta, pelas críticas que o grupo recebeu à medida que suas posições eram formuladas em espaços públicos estratégicos – no Ministério da Educação, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro ou mesmo nos salões literários. Em contrapartida, a manifestação dos detratores a cada novo tento conquistado pelos vitalistas demonstra que o grupo esteve longe de obter o consenso na arena pública. A conclusão pretende rapidamente esboçar algumas considerações a respeito dos anos 1940. Não será sua intenção estabelecer um quadro definitivo, mas levando-se em conta as afirmações promovidas pelo artigo até aqui, é possível antecipar o que uma pesquisa futura diria.

Conclusão

Nos anos 1940, os artigos de crítica aos vitalistas desaparecem completamente. Em meio ao clima do Estado Novo, é facilmente presumível que os pontos de vista mais próximos ao liberalismo e ao comunismo não encontrariam espaço para se manifestar.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Não obstante a ausência de seus inimigos tradicionais, o Centro Dom Vital não alcança o mesmo sucesso de imprensa que havia conquistado na década anterior. Os anúncios de suas atividades continuam a ser publicados semanalmente; o que falta em relação aos anos 1930 são os outros tipos de manifestação, mais espontâneos e mais detalhados em suas considerações – críticas literárias, etc. Deve-se admitir que uma descrição mais detalhada deste período mereceria maior atenção em artigos posteriores, mas fica lançada a hipótese de que a repercussão do grupo foi bem menor.